

# A presença da poeticidade em texto de professor sobre a cidade de Campo Grande, MS: breve análise semiótica

Andréia Reis Bacha Moriningo<sup>1</sup>

## RESUMO

Com este trabalho, busca-se explicitar a intencionalidade do enunciador ao apresentar um mundo construído pelo discurso, relacionado ao objeto cidade que se encontra subjetivado por sua visão e elaborado textualmente por procedimentos de conteúdo e expressão que produzem um efeito de realidade. Nesse caso, buscamos analisar, com base na semiótica discursiva e considerando alguns aspectos relevantes do plano de expressão em sua relação com os do conteúdo, o poema *Moreninha Morena Moderna*, texto que compõe a obra *Campo Grande em prosa e verso*. Para tanto, recorreremos ao postulado dos sistemas semissimbólicos, que explica os efeitos de sentido gerados quando uma categoria do plano da expressão correlaciona-se a uma categoria do plano de conteúdo, produzindo o que se denomina poeticidade. Como mecanismo teórico e analítico, os sistemas semissimbólicos oferecem condições de discussão que giram em torno do papel da percepção sensorial na construção do sentido. É por meio da expressão que os temas do conteúdo são concretizados sensorialmente, ou seja, um novo saber sobre o mundo passa a ser instaurado. É nesse sentido que, no poema apresentado, o mundo (a cidade) passa a ser visto a partir dos pontos de vista de um “eu poético” que o repensa, recria e reinventa nas palavras.

**Palavras-chave:** Poeticidade. Semissimbolismo. Semiótica discursiva. Isotopia.

## ABSTRACT

This work seeks to explain the intentionality of the enunciator to present a world constructed by the discourse related to the object town meeting subjectivized for his vision and elaborate procedures for verbatim content and expression that produce a reality effect. In this case, we analyze, based on discursive semiotics and considering some relevant aspects of the expression level in their relationship with the contents of the poem *MoreninhaMorenaModerna*, text that makes up the work *Campo Grande in prose and verse*. For that, we turn to the postulate of semissimbólicos systems, which explains the effects of meaning generated when a category of expression of the plan correlates to a category of the content plan, producing what is called poetic. As a theoretical and analytical engine, the semissimbólicos systems offer discussion conditions revolving around the role of sensory perception in the construction of meaning. It is through the expression that content themes are realized sensory, ie a new knowledge about the world becomes established. In this sense, the poem presented the world (the city) is seen from the points of view of a "poetic self" that rethinks, recreates and reinvents the words.

**Keywords:** Poeticalness . Semissimbolismo . Discursive semiotics. Isotopy .

1.

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos de Linguagens (UFMS).

2.

### 3. SOBRE A POETICIDADE

A percepção intuitiva do discurso poético provém de um discurso duplo que projeta suas articulações simultaneamente em dois planos: do conteúdo e da expressão, indiferente, em princípio, à linguagem em que é produzido: na pintura, no desenho, na dança, no quadrinho, no filme, na literatura etc. Essas articulações permitem identificar, por um lado, o modo pelo qual o discurso poético se organiza em unidades variáveis que constituem os semas<sup>2</sup> e os femas<sup>3</sup>, ou seja, significantes sonoros conjugam-se com os significados, produzindo a materialidade do discurso; e, por outro lado, devem permitir a distinção dos níveis linguísticos de análise, de modo que o reconhecimento de certo tipo de unidades permita que se defina, de maneira homogênea, um nível determinado e vice-versa (GREIMAS, 1972).

Podemos, assim, pensar o texto poético como um produto (re)inventado por meio de arranjos de signos linguísticos que permitem ao enunciador “recriar o conteúdo na expressão” (FIORIN, 2012, p. 57). Nele, o mundo é representado e expressado a partir de figuras e temas presentes que garantem o jogo da sonoridade, o encadeamento dos vocábulos, o ritmo, e assim por diante, recursos estes que permitem ao sujeito da enunciação criar um simulacro do mundo. Em outras palavras, o sujeito da enunciação percebe o mundo e o reproduz na linguagem verbal, organizando o texto a partir de combinação entre fonemas e morfemas que resulta em rimas, ritmos variados, figuras de linguagem, isotopias etc.

Os efeitos de sentido gerados pela sonoridade, pelo ritmo, pela disposição das palavras no texto, pelas figuras de linguagem são postulados dos sistemas semissimbólicos. Por meio deles, chegamos à discussão do papel da percepção sensorial na construção do sentido e das relações entre expressão e conteúdo. A semiótica discursiva ou greimasiana chegou a esse postulado a partir dos estudos de Jakobson e Hjelmslev. Este dá continuidade aos trabalhos de Saussure e propõe um modelo de linguagem estruturado por dois planos indissociáveis: o de expressão e o de conteúdo, sendo cada um deles constituído por forma e substância; a união desses dois planos é o que se denomina como função semiótica. Nesse sentido, a língua só pode ser compreendida como a interação entre esses dois planos. Já aquele apresenta, dentre as diferentes funções de linguagem, a função poética cujo enfoque é a própria construção da mensagem. Portanto, quando elementos do plano de expressão se tornam homologáveis aos elementos do plano de conteúdo, ocorre a poeticidade, fazendo com que a mensagem apresente um grau maior de encantamento.

### 4. O PERCURSO GERATIVO DO SENTIDO

Greimas propõe um modelo metodológico de análise denominado percurso gerativo do sentido, constituído de três patamares ou níveis: as estruturas fundamentais, as estruturas narrativas e as estruturas discursivas. Cada patamar contém uma sintaxe e uma semântica. A sintaxe organiza, propriamente, os conteúdos no enunciado; e a semântica investe de valores os conteúdos presentes nos arranjos sintáticos. Esses dois componentes distinguem-se um do outro pelo fato de que o primeiro apresenta uma autonomia maior em relação ao segundo, ou seja, diferentes conteúdos semânticos podem articular-se na mesma estrutura sintática.

O nível fundamental, considerado o nível profundo, “determina a oposição ou as oposições semânticas, a partir das quais se constrói o sentido do texto” (BARROS, 2005, p.14). Nele, as categorias são determinadas como eufóricas (positivas) ou disfóricas (negativas). No nível narrativo, entram em jogo os papéis actanciais (actantes); nele, aparecem um ou mais programas

---

<sup>2</sup> Representam o traço do plano do conteúdo

<sup>3</sup> Representam os traços distintivos do plano da expressão.

que compreendem uma transformação na relação entre sujeito e objeto ou entre sujeito e um outro sujeito.

As estruturas discursivas correspondem, no plano sintático, às categorias de pessoa, espaço e tempo presentes na enunciação<sup>4</sup>. Os mecanismos de instauração dessas categorias são dois: debreagem e embreagem. A primeira referencializa as instâncias enunciativas e enuncivas a partir de que o enunciado opera; a segunda desreferencializa o enunciado que ela afeta (GREIMAS e COURTÈS, 1979, p.121). Enquanto as debreagens enunciativas e enuncivas de pessoa, de espaço e de tempo dão-nos a impressão de que pessoas, espaços e tempos presentes na linguagem são representações de pessoas, de espaços e de tempos do mundo, a embreagem, ao contrário, nos aponta que todas essas categorias são criações da linguagem. Os mecanismos de embreagem e debreagem produzem efeitos de sentido no discurso. Com efeito, “a sintaxe discursiva abrange dois aspectos: as projeções da enunciação no enunciado e as relações entre enunciativo e enunciatário” (FIORIN, 2002, p. 40).

A semântica discursiva organiza-se a partir de dois procedimentos: a tematização e a figurativização. Aquela produz textos mais abstratos e esta, textos mais concretos. A função temática tem o contorno explicativo, enquanto a figurativização visa a criar o simulacro do mundo. Enfim, as figuras do conteúdo “recobrem os percursos temáticos e atribuem-lhes traços de revestimento sensorial” (BARROS, 2005, p. 69).

Diante dessas considerações, quando estudamos o percurso gerativo do sentido, estamos tratando do plano do conteúdo. Entretanto, o conteúdo linguístico deve ser veiculado por uma expressão linguística. Em outras palavras, ao plano de conteúdo associa-se um plano de expressão para chegar-se ao *texto*, propriamente dito. O percurso gerativo do sentido, como simulacro metodológico, permite-nos fazer uma leitura com mais eficácia do texto. Por fim, esse modelo nos aponta que o sentido do texto decorre da articulação de seus elementos tanto do nível sintático quanto do nível semântico.

## 5. SOBRE O TEXTO POÉTICO, OBJETO DE NOSSA ANÁLISE

Neste estudo, pretendemos analisar como ocorrem as homologações entre o plano de expressão e o plano de conteúdo. Para tanto, recorreremos a um dos textos que compõem o livro *Campo Grande em verso e prosa*, obra que reúne vinte e seis trabalhos, no discurso em prosa e em verso.

Esse livro trata-se da concretização do Projeto *Incentivando artes e cultura*, que se insere no Programa de Qualidade de Vida do Servidor, criado pelo Decreto n. 10.236, de 26 de outubro de 2007, da Prefeitura Municipal de Campo Grande/MS. O primeiro concurso CAMPO GRANDE EM VERSO E PROSA, aconteceu em 2008; o segundo, em 2009. Portanto, no supracitado livro, estão publicados os textos referentes a esses dois anos consecutivos.

No texto que nos propusemos a analisar – *Moreninha Morena Moderna*<sup>5</sup> – existe um “eu poético” que reproduz, na linguagem verbal, as imagens de um mundo construído pelo discurso, relacionado ao objeto cidade, que se encontra subjetivado por sua visão e elaborado textualmente por procedimentos de conteúdo e expressão que produzem um efeito de realidade.

A opção por produções literárias regionais deve-se, prioritariamente, à importância de valorizar a literatura local, cujos autores advêm de diferentes áreas profissionais: professores, publicitários,

---

<sup>4</sup> A enunciação é definida como “a instância de um *eu-aqui-agora*” (FIORIN, 2002, p.40), que instaura o discurso-enunciado.

<sup>5</sup> A autora Adriana Cercarioli é professora de Língua Portuguesa e Literatura da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande e mestre em Letras (UEMS).

estudantes, assistentes em biblioteca, psicólogos, diretores escolares, pedagogos, técnicos em turismo, técnicos em apoio educacional e apresentam, nos textos, uma visão particular da cidade onde vivem, o que possibilita propagar as particularidades da região: a beleza natural, a cultura, as diferentes etnias, a arte local, os costumes, comidas etc. Nesse sentido, o texto literário acaba transformando-se em forma de propagar a cidade em linguagem poética.

## **MORENINHA MORENA MODERNA**

Descortinando a literatura  
Numa viagem pelos romances  
Em tom prosaico, teci diálogos com poetas inesquecíveis  
Um deles revelou-se a Moreninha, genuína personagem da pátria brasileira

E num giro pela Grécia desenrolei o fio dourado de Ariadne  
A Moreninha protagonista inspirou-se uma nova Morena  
E o dourado mitológico projetou-me para a contemporaneidade  
Encontrando a Morena de dourado reinante

Campo Grande, arlequim de todas as gentes  
Terra cosmopolita, universal  
Gosto pela antropofagia cultural:  
Turcos, árabes, japoneses  
Baís, Espíndola, Naveira

A ode não sussurra, grita  
Na velocidade que adentra casas, trabalho, trânsito: mudança  
Vê-se a cidade querendo tocar as nuvens: invasão de arranha-céus  
No contraste da sinestesia dos parques exuberantes  
As aves passeiam por aqui, podem escolher entre a natureza e as construções  
A Morena é um convite ambulante  
O hebdomadário entusiasmo a cidade  
Há diversão para todas as cores e idades  
Campo Grande é aquarela surreal  
Cantar-te em versos é costurar colcha de retalhos sem fim

É bordar símbolos vanguardistas  
É tingir de expectativa  
É ser personagem da tua memória  
É ter muita história  
É romance, aventura, ficção, crônica, é emoção

A composição desses versos  
Não consegue acompanhar o teu progresso  
Eu te pergunto “O que fazer?”  
Um poeta me responde  
Somente a poesia é capaz de seguir essa moderna euforia

Inicialmente, no título do poema “Moreninha Morena Moderna”, deparamo-nos com um arranjo de elementos lexicais que produzem um efeito poético do qual resulta a impressão de que a cidade apresenta uma mistura globalizante, cuja integração manifesta sua beleza. Essa mistura agrupa dois pontos do tempo: o passado (Moreninha) e o futuro (Moderna) que, associados, manifestam o presente (Morena). O epíteto Morena (alcunha da cidade de Campo Grande) permite essa transição, a passagem entre um momento e outro, gerando, dessa forma, a correspondência: prosa (Moreninha) e poesia (Moderna), que permeia todo o poema. Outro fator que confere a esse arranjo o sentido de totalidade encontra-se na constituição do vocábulo **Morena**, que, conforme podemos perceber, compõe-se de letras integrantes dos dois vocábulos: **Moreninha** e **Moderna**.

A primeira estrofe, basicamente marcada por verbos no pretérito, sinaliza a passagem da prosa para poesia. Apresenta a instalação de uma debreagem actancial enunciativa, na qual a projeção de uma 1ª pessoa no enunciado, marcada pela presença do pronome pessoal “me” e por verbos na primeira pessoa do singular “teci” e “desenrolei”, produz um efeito de sentido de subjetividade, da ação cognitiva do enunciador. A sequência verbal “revelou”, “inspirou” e “projetou” marca a debreagem actancial enunciativa<sup>6</sup>.

Outro arranjo interessante, na estrofe, aparece no jogo da sonoridade fonética: intercala-se uma sequência de consoantes surdas a uma sequência de consoantes sonoras e vice-versa. A sensação que o jogo fonético provoca entre consoantes surdas, nos três primeiros versos, com predominância do fonema /s/ em: descortinando, pelos romances, tecia diálogos, poetas, inesquecíveis, e sonoras, nos versos 4, 5 e 6, com a intermitência do /z/ na sequência “genuína personagem” e “giro” e do /z/ em “brasileira” e “desenrolei”, é justamente o da interrupção entre um momento e outro da enunciação: ora prosa, ora poesia. Em seguida, temos, na sequência desses vocábulos, a rima produzida pelo jogo fonético sonoro /dz/ em “contemporaneidade” e surdo /ts/ em “reinante” que concentram em si a passagem da prosa para a poesia. Vejamos como isso ocorre.

No verso, “**E o dourado mitológico projetou-se para a contemporaneidade**”, o actante do enunciado, no caso, **o dourado mitológico**<sup>7</sup>, referindo-se, nesse caso, à personagem Ariadne, representa o estilo prosaico que, no verso seguinte, “**Encontrando a Morena de dourado reinante**”, ganha contornos poéticos, pois é a partir desse verso que a cidade passa a ser poetizada pela visão subjetiva do “eu poético”. Os próprios verbos no gerúndio “descortinando” e “encontrando” marcam a passagem do momento inicial da ação cognitiva do “eu poético” (prosaica) para um momento de conclusão dessa ação e, conseqüentemente, a projeção no fazer poético, propriamente dito.

A segunda estrofe organiza-se, sob o aspecto morfossintático, por vocábulos nominais, ou seja, nela não há marca explícita de verbo. Apresenta o elemento lexical **Campo Grande** e, a partir dele, uma série de atributos pressupostos pela visão do “eu poético”. Opera-se a debreagem actancial enunciativa, produzindo efeito de sentido de subjetividade. Os verbos curtos sintetizam a visão do “eu poético” em relação a aspectos da cultura da cidade, e, ao mesmo tempo, apresentam um conteúdo que produz o efeito de sentido de grandiosidade. Isso pode ser percebido a partir do efeito sonoro produzido pela combinação vocálica /au/ que aparece nos vocábulos **cultural** e **universal**, sinalizando que a visão do “eu poético” sobre a cidade é grandiloquente. Aliás, aqui fazemos um

---

<sup>6</sup> A debreagem actancial pode ser articulada, conforme propõe Benveniste, em pessoa/não pessoa. Ao primeiro termo correspondem em português os morfemas pessoais “eu” e “tu” equivalentes aos dois actantes da enunciação (enunciador e enunciatário), considerando a enunciação como estrutura intersubjetiva; ao segundo termo, correspondem os actantes do enunciado. O sujeito da enunciação, produtor do enunciado, pode-se projetar no enunciado, no momento do ato de linguagem ou de seu simulacro no interior do discurso, instalando-os no discurso, quer actantes da enunciação, quer actantes do enunciado. No primeiro caso, opera-se uma debreagem enunciativa, no segundo, uma debreagem enunciativa (GREIMAS & COURTÉS, 2012, p. 487).

<sup>7</sup> Temos um caso de antonomásia, figura de linguagem, por meio da qual se emprega um nome comum em lugar de um nome próprio e vice-versa, sendo, portanto, um recurso de referência (AZEREDO, 2012, p. 487).

parêntese, para salientar que o tom grandiloquente do conteúdo repercute na medida desmesurada de alguns dos verbos do poema, que ora são longos, ora curtos.

A terceira estrofe apresenta o conteúdo mais dinâmico do poema, pois o “eu poético” trata de uma cidade que não para. Ao mesmo tempo, contrapõem-se os elementos dinamicidade X estaticidade. Esta figurativizada por “aves”, “parques”, “nuvens” e “natureza” e aquela por “grito”, “velocidade”, “trânsito”, “trabalho”, “construção”. No entanto, observamos que, ao mesmo tempo em que esses elementos lexicais apresentam uma contraposição, no plano da expressão, há uma reintegração entre eles, uma harmonização, manifestando-se, desse modo, o equilíbrio entre natureza e civilização, como podemos perceber explicitamente na passagem: **“As aves passeiam por aqui, podem escolher entre a natureza e as construções”**. Manifesta-se o actante (aves) do enunciado, instalando-se a debreagem actancial enunciativa, assim, como há um lugar (aqui) que simula o espaço da enunciação, portanto, ocorrendo a debreagem espacial enunciativa. Outro arranjo interessante a ser considerado, está presente no plano fonético. A presença do encontro consonantal “tr” produz o efeito sonoro vibrante nos seguintes vocábulos: “adentra”, “trabalho”, “trânsito”, “contraste”, “entre” e “construções”, e, no plano da expressão, simula o movimento do motor em aceleração, dando o tom de dinamicidade do trabalho humano.

A quarta estrofe retoma o epíteto Morena e apresenta as predicções que singularizam a cidade. A ocorrência da aliteração do /dz/ produz um efeito sonoro interessante entre “cidade”, “idade”, “diversão” que, tratadas na sequência, levam a *Cidade da diversão*, considerando, nesse sentido, tratar-se da própria tematização da estrofe. O paralelismo sintático que aparece em **“A Morena é um convite ambulante”** e **“Campo Grande é aquarela surreal”** pressupõe a ideia de singularidade, de unicidade, uma vez que sintagmas predicativos específicos vinculam-se a um único sujeito. Nesse caso, elementos metafóricos dão um novo tom grandiloquente à cidade. Instala-se a debreagem actancial enunciativa.

A quinta estrofe contém a figura-chave do texto: “colcha de retalhos” que aparece em **“Cantar-te em versos é costurar colcha de retalhos sem fim”**. Instala-se a debreagem actancial, referencializando a instância enunciativa *tu*. A presença do elemento anafórico “é” produz, no plano da expressão, a ideia de continuidade, de permanência (“sem fim”), implicada na própria ação de tecer. Os vocábulos “memória” e “história” inter-relacionam-se semanticamente a “retalhos”, uma vez que a memória e a história resultam das partes (dos episódios, das cenas) que as constituem e podem apresentar-se sob forma de “romance”, de “aventura”, de “ficção”, de “crônica”. Todos esses elementos, gerados a partir da memória, produzem a isotopia da emotividade (“emoção”). “Colcha de retalhos” expande a visão do “eu poético” sobre a cidade, criando o efeito de pluralidade e de infinitude que aparece na última estrofe: **“A composição desses versos” / “Não consegue acompanhar o teu progresso”**.

Nos versos: **“Eu te pergunto ‘O que fazer?’”** e **“Um poeta me responde”**, instala-se a debreagem actancial enunciativa, no discurso direto, o que provoca o efeito de proximidade do “eu poético” com o elemento cidade. No último verso, a predominância da sibilante /s/ sugere o “fazer poético”. O verso expande-se e não há nele marca de pontuação, o que reproduz o efeito de infinitude. Esse efeito é gerado, também, pela figura **“colcha de retalhos”** caracterizada pela locução adjetiva **“sem fim”** e pelo verso **“A composição desses versos não consegue acompanhar teu progresso”**. Percebe-se um “eu poético” consciente dessa incompletude, que, no plano do conteúdo, é manifestada pela ausência da pontuação, e, no plano da expressão, representa o caráter *ad infinitum* do conhecimento da cidade.

## 6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

É possível considerar, nesta análise, que o poeta constrói a significação do poema recorrendo, principalmente, à sintaxe. Utiliza-se, por exemplo, de figuras de linguagem, como a metáfora, a anáfora e aos paralelismos sintáticos; vale-se da elipse de verbos para descrever objetivamente aspectos da cultura da cidade. Faz uso abundante de recursos sonoros para gerar um efeito de sentido de realidade. O poeta constrói uma poesia subjetiva, pois recorre à sua memória para construir uma visão da cidade.

## REFERÊNCIAS

AZEREDO, José Carlos. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2012.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Ática, 2005.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 2001.

\_\_\_\_\_. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. **Em busca do sentido**. São Paulo: Contexto, 2012.

GREIMAS, Algirdas Julien (org). **Ensaio de Semiótica Poética**. São Paulo: Cultrix, 1972.

\_\_\_\_\_; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, s/d.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE. **Campo Grande em verso e prosa**. Campo Grande/MS, 2009, pp. 33 e 34.